



PORTUGUESE A2 – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A2 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A2 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Monday 22 May 2006 (morning)
Lundi 22 mai 2006 (matin)
Lunes 22 de mayo de 2006 (mañana)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.
- It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.
- Vous n'êtes pas obligé(e) de répondre directement aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le souhaitez.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.
- No es obligatorio responder directamente a las preguntas de orientación que se incluyen, pero puede utilizarlas si lo desea.

Escolha a Secção A ou a Secção B.

SECÇÃO A

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artificios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.

Texto 1 (a)

Meu bom amigo,

espero que esta carta o encontre de excelente saúde. Bem sei que não é exactamente uma carta, isto que lhe escrevo agora, mas uma mensagem electrónica. Já ninguém escreve cartas. Eu, sou-lhe sincero, sinto saudades do tempo em que as pessoas se correspondiam, trocando cartas, cartas autênticas em bom papel, ao qual era possível acrescentar uma gota de perfume, ou juntar flores secas, penas coloridas, uma madeixa de cabelo. Sofro uma nostalgia miúda desse tempo em que o carteiro nos trazia as cartas a casa, e da alegria, do susto também, com que as recebíamos, com que as abríamos, com que as líamos, e do cuidado com que, ao responder, escolhíamos as palavras, medindo-lhes o peso, avaliando a luz e o lume que ia nelas.

10 Não suporto a grosseira informalidade das mensagens electrónicas. Enfrento sempre com um horror físico, um horror metafísico e moral, aquele “Oi!” que nos foi imposto a partir do Brasil – como é possível levar a sério alguém que se nos dirige assim? Os viajantes europeus que ao longo do século XIX atravessaram os sertões de África referiram-se, frequentemente, em tom de troça, aos intrincados cumprimentos trocados pelos guias nativos, quando, no decurso das suas longas jornadas, se cruzavam, nalguma sombra propícia, com parentes ou conhecidos. O branco assistia, impaciente, até que, transcorridos muitos e demorados minutos de risos, interjeições e bater de palmas, interrompia o guia:

“E então, o que disseram os homens – viram Livingston?”

“Não disseram nada, não, chefe”, explicava o outro. “Só cumprimentaram.”

20 Eu espero de uma carta um tempo idêntico. Façamos então de conta que isto é uma carta e que o carteiro a depositou agora mesmo nas suas mãos.

José Eduardo Agualusa, *O vendedor de Sonhos* (2004) Angola

Texto 1 (b)

Cartas do Peru dos Olivais*

Adorada perua:
Há dias que, diante do patrão,
ando de rua em rua
não sei por que razão.

5 Como tu viste, o homem resolveu
fazermos em Lisboa a consoada,
para me divertir, suponho eu.
Porém, se adivinhasse esta estopada,
tinha-lhe dito logo que não vinha,

10 tanto mais, não vindo tu,
minha peruazinha,
por quem morre de amor o teu peru.

Querida. Água a ferver... uma panela
ao pé de um alguidar... tenho receio...

15 Fala-se em cabidela e em peru de
recheio...
Afia-se uma faca...
Ó céus! Que horror!
O monco já me cai.. .Nunca supus...

20 Que é isto meu amor?
Aí Jesus! Aí Jesus!
Já tenho as pernas presas...
Tolda-se-me a vista... engasgo-me... agonizo...
Tremem-me as miudezas...

25 Turva-se-me o juízo...
Adeus: recebe o último glu-glu
E os corais
Do in...fe...liz
Pe...ru...dos... O...li...vais.

Acácio de Paiva, *Poemas*, (1964) Portugal

* Olivais – bairro da cidade de Lisboa

- Qual é a principal diferença encontrada no tratamento do tema em comum nos dois textos?
- Comente o efeito da utilização de diferentes formas de primeira pessoa em ambos os textos.
- Comente o uso da ironia como efeito estilístico em ambos os textos.

SECÇÃO B

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.

Texto 2 (a)

Sem Nome nem Futuro

A Amazónia ainda tem pelo menos 53 tribos de índios vivendo em isolamento praticamente total, em pontos remotos da floresta. Em boa parte dos casos, não se sabe que língua falam, que lugares da mata ocupavam antes de se deslocarem para longe das moto-serras e dos fazendeiros e a que etnias pertenciam originalmente. Num exemplo extremo, um grupo de seis índios compõe
5 hoje toda a tribo restante dos akuntsus. Esse nome, cujo significado é “outros índios” foi dado a eles por vizinhos de outro ramo indígena. Não é possível saber nem mesmo como os akuntsus chamam a sua própria etnia. Mas pode-se apostar facilmente em seu futuro: a extinção. São todos da mesma família. Encurralados em 50 000 hectares – algo próximo ao tamanho de Porto Alegre – numa área cercada de fazendas, no sudoeste de Rondônia¹, dividem este espaço com outro índios,
10 em situação parecida. Lá, há uma família com três canoés² que se desgarraram do grupo principal, instalado a 250 quilômetros, e mais um índio solitário, do qual ninguém jamais se aproximou o suficiente para fazer dele uma boa descrição.

A imagem do bom selvagem, em harmonia com a natureza, é bem diferente da que se tem quando se vê de perto uma dessas tribos isoladas. Tão sujeitos a doenças tropicais quanto outros
15 seres humanos, eles se alimentam mal, com a produção de roças descuidadas, têm carência de proteínas e apresentam índices de mortalidade infantil consideráveis, ao lado de patamares de longevidade baixos.

A condição de isolamento impede, porém, que se chegue a estatísticas precisas dessa situação. E a política, por seu lado, de isolamento – política que a Funái³ decidiu adotar desde
20 1987 e só é rompida quando se revela a iminência de confrontos violentos com homens brancos – pouco contribui para melhorar esse quadro.

Revista Veja, (2005) Brasil

¹ Rondônia – estado do Brasil cuja capital é Porto Velho.

² Canoés – grupo indígena que habita o sul de Rondônia.

³ Funái – Fundação Nacional de apoio aos índios

Texto 2 (b)

Nos recessos¹ da selva amazónica, Alberto tinha visto lianas² que pareciam serpentes e serpentes que dir-se-iam lianas. Vegetal ou animal tudo quanto, lá de cima, se enlaçava de galho para galho, num verde de limo escorreguento, sugeria o mesmo visco, o mesmo mundo de veneno e de pavor. Algumas estendiam-se sobre os velhos troncos caídos, meio corpo escondido no farelo
5 podre, o resto exposto ao sol, em modorra voluptuosa; outras abalavam numa correria doida, fura à esquerda, fura à direita todas assarapantadas sobre a folhagem morta, quando as amedrontava a aproximação humana. E, muitas vezes, no seu desvairamento, roçavam involuntariamente as próprias pernas do transeunte que ia, à semelhança delas, fugindo também. Então, num ápice se detinham, erguiam a cabeça – e ferravam.

10 Na loja do Juca Tristão havia também panaceias para o caso e até os formulários de homeopatia indicavam remédios contra os ofídios. Às vezes, porém, era demasiado tarde quando o seringueiro³ demandava socorro. Ao extrair o látex ou a caçar, de olhos altos ou farejando ao longe, tocara de passagem uma dorminhoca, que se ocultava entre as folhas, e quase não sentira a picada vingativa que dela recebera. Alçava a perna e atribuía a espinho a parte atingida e
15 prosseguia no seu andamento. Quando, finalmente a realidade se desvendava, já tudo se tornara inútil. Muitas das cruces que apodreciam por detrás do barracão do Paraíso, haviam sido cravadas em sepulturas de homens que tombaram assim. Mas a selva ainda tinha mais defesas. Alimentava, para arrelia e tormento humano, legiões aladas e rastejantes de insectos, que nenhum engenho conseguia exterminar de vez. Era uma luta perene com a traição, com o quase impalpável, que
20 vinha, em silêncio ou zunindo, mordida, envenenava, e fugia, saciado e triunfante, dando lugar a outros mais famintos, a hordas que não terminavam jamais. O homem debatia-se no vácuo. E impotente perante inimigo tão minúsculo, batia em si mesmo na ânsia de esmagar o importuno, que já ia longe, que era subtil e incapturável como a própria brisa.

Ferreira de Castro, *A Selva*, Guimarães editores, (1981) Portugal

¹ Recessos – nas profundezas.

² Lianas – plantas trepadeiras e flexíveis.

³ Seringueiro – o homem que retira da árvore da borracha o suco com que ela é fabricada.

- Identifique as principais diferenças encontradas no ponto de vista dos narradores, em ambos os textos.
- Compare as diferenças e/ou semelhanças temáticas entre os dois textos.
- Que características de estilo tornam o texto 2(a) factual e o texto 2(b) ficcional?